

Analisar os desafios e dilemas do trabalho no Dia do Trabalhador

Entrevista Docente da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) e investigador do Centro de Estudos Sociais (CES), Hermes Augusto Costa estará, na próxima quarta-feira, 1 de Maio, Dia do Trabalhador, a participar no ciclo de conversas com cientistas Pontos nos iii, promovido pelo Exploratório - Centro Ciência Viva de Coimbra, com o tema “O trabalho tem futuro?”

Ao longo da sua carreira na investigação, a que áreas se tem dedicado?

Tenho-me dedicado essencialmente às temáticas relacionadas com o trabalho, as relações laborais, os seus actores e estratégias. Foi aí, de resto, que ao longo dos últimos 25 anos, estive envolvido em duas dezenas de projectos de investigação. Mas como a investigação é indissociável da componente lectiva, não posso também deixar de mencionar o meu reiterado compromisso com a sociologia das organizações, as teorias sociológicas, a introdução à sociologia.

Que investigação se encontra a desenvolver neste momento?

Estou neste momento a terminar um projecto de que fui coordenador, intitulado “Re-



O que pretendo transmitir na sessão não é tanto um cenário pessimista, mas um retrato realista

construindo o poder sindical na era da austeridade: três sectores em análise”. Além de mim, participam Elísio Estanque, Dora Fonseca, Manuel Carvalho da Silva, Hugo Dias e Andreia Santos. Quando o projecto foi submetido, no final de 2014, já o contexto laboral português havia sido atravessado quer pela intervenção externa da troika, quer pelo processo de “desvalorização interna” que pautou as políticas de austeridade. Ora, o projecto incidiu nos impactos de tais transformações sobre as organizações sindicais, por sinal o “parente pobre” estrutural das relações laborais. Por isso,

tratou-se de procurar perceber em que medida, no contexto envolvente de três sectores (metalúrgico, dos transportes e das telecomunicações) e de três empresas (Autoeuropa, TAP e PT/Altice), as principais organizações sindicais aí actuaes se reorganizaram nas suas estratégias de intervenção como forma de lidar com a crise económica e social.

Quais os objectivos dessa investigação?

Ainda que uma das fraquezas apontadas aos sindicatos reside na sua excessiva colagem ao poder (ligação aos partidos políticos), historicamente foi sempre mais intuitivo considerar o sindicalismo como contra-poder. Mas um dos objectivos da investigação foi debater criticamente as formas de poder (estrutural, associativo, institucional, societal) de que, pelo menos em teoria, os sindicatos podem ser portadores. Por outro lado, foi proposta uma grelha analítica para aferir da consistência dessas formas de poder. Em concreto, foram considerados seis critérios analíticos: representatividade; qualificação; conflito/negociação; nacional / internacional; público / privado; inovação. Aliás, o trabalho de campo encarregou-se de mostrar episódios onde esses critérios foram colocados à prova. Dou apenas três exemplos (de maior impacto mediático): na Autoeuropa, a (pouco comum) tensão ocorrida em resultado da produção do T-Roc e da nova configuração dos horários de trabalho; na PT/Altice, o polémico processo de “transmissão de estabelecimento”; na TAP, o movimento “não TAP os olhos” causado pelo processo de privatização.

Qual o impacto ou a aplicação mais prática que a investigação que desenvolve ne-



Hermes Augusto Costa

PERFIL

Hermes Augusto Costa é sociólogo, professor auxiliar com agregação da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Sociais. Tem investigado e publicado em múltiplas vertentes do mundo do trabalho e das relações laborais. É coordenador do doutoramento em “Sociologia: Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo” (em resultado de uma parceria FEUC/CES).

ste momento pode ter para a sociedade?

Além de conferir um conhecimento mais sustentado sobre a realidade, qualquer investigação permite, quer a confir-

mação de práticas antigas quer a descoberta de novas práticas. Se, por um lado, os anos de crise reforçaram a fraqueza dos sindicatos – em especial nos planos estrutural e institu-

cional –, por outro lado, constatou-se alguma (porventura surpreendente) recuperação sindical nos planos associativo e societal. Em especial no sector dos transportes e das telecomunicações não só os processos de privatização constituiriam um estímulo à recuperação de associados, como se induziram focos de maior sensibilidade social junto da opinião pública. Não deixar os poderes político, económico e a sociedade em geral indiferentes é crucial em qualquer investigação. Que o digam os mais recentes processos de conflitualidade social – como a greve dos enfermeiros às cirurgias, ou a dos camionistas de combustíveis – que, embora não tenham sido estudados no projeto, podem ser vistos com um sinal de novos tempos (quicá de novos poderes) que se avizinham.

Na próxima quarta-feira, vai participar no programa de conversas com cientistas Pontos nos iii, promovido pelo Exploratório, com o tema “O trabalho tem futuro?”. O que é que o público pode esperar desta sessão?

Admito que o título da sessão possa parecer provocatório. Se, por um lado, não haverá grandes dúvidas de que o trabalho existirá no futuro, por outro, temos hoje como dado adquirido que a sua configuração e consistência são distintas de outrora. Por esse facto, também seria legítimo formular a questão ao contrário: “o futuro tem trabalho?”. Mas o que pretendo transmitir na sessão não é tanto um cenário pessimista, mas um retrato realista. Tenciono, pois, entre outros pontos, falar dos desafios e dilemas com que o trabalho contemporâneo se confronta e da importância em pensar pedagogicamente o futuro do trabalho. ◀